

Relações Étnico-Raciais e formação docente no campo da Educação Infantil: estratégias metodológicas em foco na Rede Municipal de Belo Horizonte – MG/Brasil

Ethnic-Racial Relations and teacher training in the field of Early Childhood Education: methodological strategies in focus in the Municipal Network of Belo Horizonte – MG/Brazil

DOI:10.34117/bjdv7n11-244

Recebimento dos originais: 12/10/2021

Aceitação para publicação: 16/11/2021

Adriana Bom Sucesso Gomes

Mestranda do Programa de Pós-graduação: Educação e Docência – Mestrado Profissional - PROMESTRE da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Professora para a Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte/MG

E-mail: adrianabomsucesso@gmail.com

Rogério Correia da Silva

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor associado UFMG. Tem experiência na área de educação, com ênfase em Educação pré-escolar, atuando principalmente nos seguintes temas: educação infantil, organização de espaços e ambientes, criança indígena, aprendizagem, infância e antropologia

E-mail: rogex.correia@gmail.com

Tânia A. Ambrizi Gebara

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG. Professora pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil e Infância (NEPEI/UFMG). Líder de pesquisa no CNPq, grupo Infâncias e Educação: concepções e práticas no ensino fundamental de tempo integral. Experiência com Formação de

Professores com ênfase na Educação Infantil

E-mail: tgebara@ufmg.br

RESUMO

O presente texto apresenta dados de uma pesquisa em andamento que pretende analisar e compreender as estratégias metodológicas utilizadas nos Núcleos de Estudos das Relações Étnico-Raciais da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte/MG. A relevância científica encontra-se na constatação a partir de levantamento bibliográfico de lacunas existentes nas pesquisas sobre formação continuada de professores para a diversidade racial, escassez de registro documental destes Núcleos de Estudos e pelo potencial de consolidar contribuições para a implementação da Lei 10.639/03 na primeira etapa da educação básica. Intenta-se fortalecer e ampliar as discussões sobre a educação das relações étnico-raciais em formatos de autogestão como estratégia de formação continuada de professores nas esferas políticas e social. O referencial teórico baseia-se em categorias como Relações étnico-raciais, raça e racismo (Cavalleiro 2003; Fazzi, 2012); Conceitos de raça (Gomes, 2010; Quijano, 2005; Munanga, 2015; Woordword, 2000);

Concepções de criança e infâncias (Gouveia e Sarmento, 2008; Kramer, 2002); filosofia africana (Machado, 2014; Oliveira, 2012; Sodré, 2009) e formação de professores (Abramowicz e Oliveira, 2011; Gomes e Silva, 2015). Os primeiros levantamentos de dados apontaram que os Núcleos de Estudos apresentam uma crescente participação das professoras da educação Infantil em seus encontros formativos, além de indicar um diferencial na atual configuração em sua forma de organização (participação voluntária, utilização de momentos de fruição, relatos de experiências e histórias de vida como mecanismo de formação marcado pela cultura negra) que merecem ser melhor investigados.

Palavras-chave: Educação Infantil, Relações Étnico-raciais, Formação Continuada de Professores.

ABSTRACT

This text presents data from an ongoing research that intends to analyze and understand the methodological strategies used in the Centers for the Study of Ethnic-Racial Relations of the Municipal Education Department of Belo Horizonte/MG. The scientific relevance lies in the observation based on a bibliographic survey of gaps in research on continuing education of teachers for racial diversity, lack of documentary record of these Study Nucleus and the potential to consolidate contributions to the implementation of Law 10.639/03 in the first stage of basic education. The intention is to strengthen and broaden the discussions on the education of ethnic-racial relations in self-management formats as a strategy for continuing teacher education in the political and social spheres. The theoretical framework is based on categories such as ethnic-racial relations, race and racism (Cavalleiro 2003; Fazzi, 2012); Concepts of race (Gomes, 2010; Quijano, 2005; Munanga, 2015; Woodward, 2000); Conceptions of children and childhood (Gouveia and Sarmento, 2008; Kramer, 2002); African philosophy (Machado, 2014; Oliveira, 2012; Sodré, 2009) and teacher education (Abramowicz and Oliveira, 2011; Gomes and Silva, 2015). The first data surveys showed that the Study Centers show a growing participation of early childhood education teachers in their training meetings, in addition to indicating a difference in the current configuration in its form of organization (voluntary participation, use of moments of fruition, reports of experiences and life stories as a training mechanism marked by black culture) that deserve to be further investigated.

Keywords: Early Childhood Education, Ethnic-Racial Relations, Ongoing Teacher Training.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta parte de uma pesquisa em andamento intitulada *Relações Étnico-Raciais e formação continuada das professoras da Educação Infantil: um olhar sobre as estratégias metodológicas utilizadas em Núcleos de Estudos da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte*, pertencente ao Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional - Educação e Docência da UFMG, tem assento na linha de pesquisa Infância e Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que considera o atual contexto pandêmico social promovido pelo Covid-19. O estudo trata a formação continuada e em serviço de professores tendo como categorias analíticas a

infância e a raça por compreender que esses eixos se inter cruzam no ambiente da instituição de Educação Infantil.

A categoria raça é entendida aqui como uma construção social e histórica, no seu sentido político como uma re-significação do termo produzido na luta política pela superação do racismo na sociedade brasileira. (GOMES, 2010 p. 98).

Quanto as infâncias, Abramowicz, Levcovitz e Rodrigues (2009), as consideram como um campo de experiências, de deslocamentos, pluralidades e particularidades. Nessa mesma direção (ABRAMOWICZ e OLIVEIRA 2011; ALMEIDA, 2009 CORSARO; 2011; SARMENTO e GOUVÊA, 2008) têm definido a criança como produtora de cultura e as infâncias como categoria geracional. Esses autores acreditam que as infâncias devem a sua natureza sociológica, por isso, as categorias, raça, classe, gênero, território devem ser pensados de forma híbrida ao refletir sobre a formação da criança em sua totalidade.

Sob esse ponto de vista, a instituição de Educação Infantil tem como premissa promover as infâncias em sua multiplicidade, desenvolver uma pedagogia que permita a liberdade de criação e produção da criança por meio de diversas experiências, inclusive, favorecer a sua sociabilidade e a construção da subjetividade abrindo assim espaços para se pensar os corpos no cânone da diferença (ABRAMOWICZ, LEVCOVITZ e RODRIGUES 2009, p.193-195). A diferença é um campo de demarcação na qual as identidades são fabricadas. Assim sendo, “nas relações sociais essas formas de diferença - a simbólica e a social, são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios” Woodward, (2000, p. 40), que diferencia um grupo racial em relação a outro por meio de estruturas biológicas, ocorrendo a racialização dos corpos. Dito de outra forma, racializar os corpos se constituem em diferenciá-los e classificá-los a partir da cor da pele, cabelo, dentre outros fenótipos, dividindo assim, a população em grupos raciais, estabelecendo hierarquias que subalterniza um grupo racial dentro de um sistema de relações de poder. Dessa forma,

“produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços[...], desde então, adquiriram também, em relação as novas identidades, uma conotação racial. (QUIJANO, 2005, p. 117)

A ideia de raça amalgamou o racismo na base da sociedade brasileira ao longo da história. No Brasil, o racismo opera de forma camuflada por uma série de fatores, dentre eles, cabe destacar a ideia de uma democracia racial, que se constituiu no imaginário

social, ao se pensar que vivemos em harmonia racial. O mito da democracia racial nega a diversidade dos corpos e estrutura o racismo nos diversos ambientes da nossa sociedade, inclusive opera no contexto escolar (GOMES, 2010; MUNANGA, 2004).

Sob a ideologia de uma educação homogeneizadora de corpos e culturas, aprendemos a ver as diferenças raciais a partir das características físicas, por conseguinte, começamos a perceber, a classificar e hierarquizar um grupo étnico racial em relação a outro de forma naturalizada (GOMES, 2010, p.22).

Para Cavaleiro (2003, p.98), “o silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola”. Dessa forma, o silenciamento e negação da diversidade racial são mecanismos que emergem nas instituições de Educação Infantil.

O racismo opera no cotidiano escolar, por meio do discurso que paira no cotidiano escolar que não há diferenças entre as crianças, que as questões raciais são invisibilizadas e negadas, da materialidade, dentre outros, os livros de literatura, murais, painéis que as crianças acessam. A mesma autora percebeu em seu estudo que, em sua maioria, os artefatos traduzem uma única cultura, não havendo uma proporcionalidade capaz de contemplar uma representação significativa da diversidade de corpos e culturas, podendo assim, dificultar que as crianças negras se reconheçam a partir dos materiais simbólicos e físicos que são trabalhados na instituição de Educação Infantil.

Além disso, “a origem étnica condiciona um tratamento diferenciado na escola” (CAVALEIRO, 2003, p. 98), que pode ser notado a partir da comparação do tom de voz, elogios, gestos e atitudes das professoras atribuídos as crianças negras e não negras. Tais comportamentos atrelados aos artefatos que não traduzem a diversidade racial no ambiente da Educação Infantil dificultam que as crianças negras construam autoestima e uma representatividade positiva de si, ao passo que as crianças não negras são conduzidas a solidificar “um sentimento de superioridade”.

Nessa linha de pensamento, Abramowicz e Oliveira (2011), advertem que o construto sobre as questões raciais ocorre na dimensão relacional, “a identidade da criança é construída por meio do corpo e na convivência com o outro [...]”, BENTO (2011, p.112), em um movimento de se perceber a partir da forma que o outro a percebe, atado a forma em que ela se concebe enquanto sujeito subjetivo e pertencente a um grupo étnico-racial.

Devido as possibilidades de as crianças interagirem com o outro que é diferente de si, o ambiente da educação Infantil se configura como um espaço propício às

formulações sobre as questões raciais e identitárias. Sob esse mesmo ponto de vista Fazzi (2012) e Lima (2008), acreditam que as crianças começam a construir desde muito cedo a ideia de raça e já são capazes de identificar as pessoas a partir de suas características físicas.

É por meio de estereótipos e xingamentos em relação as suas características físicas, como, cabelo e cor de pele que as crianças negras podem ser afetadas. A criança negra, pode reagir a tais situações se reprimindo, isolando, ora revidando as agressões atribuídas a elas. A partir de tais comportamentos que os conflitos étnicos podem se reverberar nas relações que as crianças estabelecem com seus pares e adultos. Diante disso, compreende-se que o silenciamento das questões raciais no cotidiano escolar se constitui como dificultador da construção de relações saudáveis entre as crianças, por conseguinte, de um ambiente propício ao desenvolvimento holístico de todas as crianças.

Devido as diferentes formas que o racismo pode operar nas instituições de Educação Infantil, faz-se necessário reconhecer a diversidade de corpos que adentram esses ambientes, romper com o silenciamento que se instaurou no cotidiano escolar sobre as questões raciais e reconhecer a multiplicidade racial e cultural. Assim, as professoras da Educação Infantil poderão refletir sobre uma prática antirracista com todas as crianças “à luz da história e das relações sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira, [...]” (GOMES e SILVA, 2015, p. 16).

Urge assim, a necessidade de construir um currículo na Educação Infantil capaz de fortalecer a prática docente no bojo da educação das relações étnico-raciais com todas as crianças, (ABRAMOWICZ E OLIVEIRA, 2011; FAZZI, 2012; LIMA, 2008; KRAMER; 2002).

Nesse sentido, Munanga (2015,29), considera as políticas afirmativas, destacando as leis 10.639/03 e 11645/08¹ como dispositivos favoráveis a inserção a história da África e afrodescendentes de forma a resgatar a memória dos africanos à base curricular da escola, valorizando sua cultura e saberes, corroborando assim para uma educação antirracista na educação infantil.

Contudo, para o desenvolvimento de uma prática pedagógica voltada para a educação das relações étnico-raciais com todas as crianças no contexto da Educação Infantil é preciso mais que a promulgação de leis afirmativas, faz-se necessário o engajamento e preparação do corpo docente. Todavia, Cavalleiro (2003, p. 98) adverte

¹ Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

que em seu estudo percebeu o silêncio que atravessa os conflitos étnicos reverberando o despreparo das professoras em lidar com as questões raciais, no ambiente da Instituição de Educação Infantil.

Diante aos desafios postos pela temática e dificuldades que as professoras demonstram em trabalhar com a questão racial com as crianças pequenas, diversos autores (Gomes 2010; Gomes e Silva, 2015; Silvério e Souza, 2010), destacam a necessidade de formação continuada dos professores com o trato racial no sentido de possibilitar conhecimentos teóricos/práticos que fortaleçam suas ações, contribuindo assim para a materialização da Lei 10.639/03 na Educação Infantil.

Além disso, Gomes e Silva (2015) aponta lacunas no campo da formação continuada de professores para a educação das relações étnico-raciais que precisam ser investigadas no âmbito acadêmico. No sentido de se pensar que as dinâmicas da sociedade contemporânea colocam para o campo de formação de professores a necessidade de abranger temáticas que foram escamoteadas, nas discussões foram tratadas de formas secundárias, deixando-as à margem, é nesse foco que as produções acadêmicas podem consolidar suas contribuições, pois

[...] é aqui que encontramos as demandas mais recentes de articulação entre formação de professores (as) e a diversidade étnico-cultural. É aqui que encontramos, também trabalhos e pesquisas que se propõem ampliar, renovar e problematizar a educação, à luz não somente dos processos sociais, históricos, políticos e econômicos, mas, sobretudo culturais e raciais.
(GOMÊS e SILVA 2015, p. 17)

É nesse espaço do conhecimento sistematizado no campo da formação de professoras na interseção dos eixos analíticos infância e raça que a presente pesquisa se insere.

Analisar e compreender as estratégias metodológicas desenvolvidas no processo formativo no Núcleos de Estudos de uma Regional de Belo Horizonte, com maior participação das professoras da Educação Infantil, tem sido nosso desafio nesses tempos de excepcionalidade devida à pandemia. Após produção e análise de dados iniciais, selecionou-se a o Núcleo de Estudos da Regional Leste entre as nove regionais do município de Belo Horizonte, para o estudo com mais profundidade, por ter registrado maior frequência das professoras da Educação Infantil no ano de 2019.

Deste modo, pretende-se tecer uma discussão no âmbito acadêmico sobre a importância da formação continuada das professoras da Educação Infantil com o trato

racial para o fortalecimento de uma prática antirracista com crianças pequenas, consolidando, assim, contribuições para a materialização da Lei 10.639/03 nessa etapa da Educação Básica. Além disso, intenta-se sistematizar o registro da história dos Núcleos de Estudos das Relações Étnico-Raciais, como forma de divulgar as ações que são desenvolvidas com os professores da Rede Municipal de Ensino de BH. Autoras como FEITAL (2016) e OLIVEIRA, (2016) apontaram em seus estudos indícios de pouco registro documental sobre a trajetória destes cursos de formação continuada e em serviço.

Os Núcleos de Estudos das Relações Étnico-Raciais nos chamaram a atenção, sobretudo, pela atual forma de organização (participação voluntária, utilização de momentos de fruição, relatos de experiências e histórias de vida dos participantes, como mecanismo de formação marcado pela cultura negra). Durante os encontros formativos que são realizados mensalmente, nota-se que os momentos de abertura contam com uma apresentação artística, denominados “momentos deleite”. O formato dos momentos formativos é variado, ora realizado por convidados, outra vez, são debates a partir de textos literários e ou teóricos envolvendo a temática racial, propiciando reflexões sobre a constituição do racismo no Brasil e ou proporcionando estudos sobre a história da África e afrodescendentes e ameríndios, sob outro ponto de vista, que não o que compuseram os livros de história do Brasil no sentido ampliar os olhares. São apresentados autores e intelectuais negros para que as participantes possam conhecer a história do Brasil sob outras referências. O arcabouço teórico trabalhado nos encontros formativos, tem o intuito de abrir um leque de possibilidades de as professoras participantes ampliarem seus conhecimentos sobre a composição racial da nossa sociedade e suas contribuições para práticas antirracistas em sala de aula.

Os encontros também contam com vivências de campo, que são visitas a diferentes espaços da cidade que representam a cultura negra e indígena, como comunidades quilombolas e indígenas, museus, dentre outros. Ainda há espaço para a participação voluntária de professores (as) cursistas, a partir da oralidade, seja em rodas de conversas ou relato de experiência. As rodas de conversas possibilitam os debates em torno das questões raciais, podem ser tratados assuntos do cotidiano escolar ou algum texto teórico, assim, as professoras têm a oportunidade de expor seu ponto de vista e ter suas dúvidas sobre a temática racial, respondidas ou ao menos problematizadas. Quanto aos relatos de experiências, as professoras contam como desenvolveram ou estão desenvolvendo trabalhos, projetos com as crianças nas escolas abordando a temática racial, seja sobre a história e cultura dos povos negros ou indígena. Infere-se que este

último momento possa se constituir como um dos pontos altos do processo formativo por permitir que as professoras compartilhem suas experiências com as crianças, além de possibilitar que elas expressem suas ideias e demandas em relação à temática e também reflexões sobre si mesmas.

É importante destacar que são trabalhados conteúdos no bojo das referências de matrizes africanas, como as religiões, mitos, música, danças afro ou indígena, histórias, contos africanos e indígenas permeiam os momentos da formação, podendo surgir a partir da discussão de forma espontânea no momento de formação, de planejamento pelos coordenadores e professores (as), ou provocados pelos formadores nos encontros.

Nesta pesquisa em andamento algumas indagações tem sido formuladas, como a seguinte: A forma que os Núcleos tem conduzido suas formações aponta para uma escolha de princípios filosófico coerente com as particularidades de um curso formativo com o recorte racial? Ao refletir sobre essa indagação se faz necessário adentrar o campo da filosofia africana, na tentativa de confirmar ou refutar essa hipótese.

Sob a ideia da construção de um currículo que contemple as especificidades da formação de professores com o trato racial que Adibênia Machado em seus dois ensaios de 2014² e de 2019 e Sodrê (2009), destacam os princípios filosóficos africanos. Machado (2014 e 2019), conceitua a filosofia africana como uma ética de cuidado e pertencimento, tecendo a ancestralidade³ o encantamento⁴ e alteridade, como forma de produzir uma formação para a diversidade étnico racial. Sodrê, (2009:2) completa esse pensamento ao dizer que as ações sob os princípios filosóficos africanos se constituem no campo do corpo como eixo que tece a cultura e a ancestralidade, na tradição, na expressão oral, no mítico, na expressão estética, artística e nas vivências dentro do contexto local, assim os saberes são (re) construídos de forma significativa, mantendo viva a cultura africana e afro-brasileira em solo brasileiro. De acordo com os autores a formação de professores sob o cunho da filosofia africana favorece aos docentes a construção de saberes outros, conhecimento tradicionais a partir de diversas linguagens, dentre elas a oral e a corporal, desconstruindo preconceitos em relação aos elementos que avivam a cultura africana, fortalecendo assim o desenvolvimento de uma prática reflexiva e para a humanização no

² Uma intitulada “filosofia para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais” e o outro “Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: Filosofia africana e práxis de libertação”.

³ Ancestralidade para Oliveira (2012) é uma ética por dar sentido às atitudes, por meio das experiências históricas. É unidade de forma cultural, seu tecido é a diversidade.

⁴ O encantamento é uma experiência de ancestralidade que nos mobiliza para a conquista[...], OLIVEIRA (2012:43)

ambiente escolar. Essa é mais uma questão a ser investigada no interior das estratégias metodológicas utilizadas nos Núcleos de estudos.

Outra questão a ser destacada se refere ao formato dos encontros dos Núcleos de Estudos, nota-se que não é rígido, ao contrário, são maleáveis, podendo se diferenciar de regional para regional, vai depender de quem coordena, de quem participa, quais são os seus interesses e demandas, das articulações políticas e parcerias que cada regional consegue junto a GERER – Gerência das relações étnico Raciais⁵ e aos diversos setores da sociedade, comunidade, instituições parceiras como universidades. Daí surge a hipótese: Os Núcleos de Estudos são organizados sob uma estrutura de auto-gestão? Existe algum padrão nesses encontros formativos? Se sim, quais são e porquê?

Vale também ressaltar que o curso de formação continuada e em serviço dos Núcleos de Estudos são oferecidos a todos os profissionais da Rede Municipal de Educação de Belo horizonte. Todos os cursistas têm a liberdade de fala e participação na organização dos encontros, expondo seus interesses e demandas, incluindo as professoras da Educação Infantil. As sugestões do grupo são acolhidas nos encontros formativos e levadas para serem refletidas em reuniões da coordenação dos Núcleos das nove regionais com a Gerência das Relações Étnico raciais (GERER). As reuniões são mensais, realizadas na GERER/SMED. Essas convenções tem o objetivo de pensar a organização dos encontros, definindo quais e como as ações serão realizadas nos encontros das regionais de acordo com a realidade de cada Núcleo.

Interessa-se investigar os Núcleos de Estudos das Relações étnico-raciais por sua estrutura de organização indicar um diferencial no que toca as estratégias metodológicas de cursos formativos. Entende-se aqui como estratégias metodológicas⁶ o agrupamento de mecanismos, ações, recursos materiais ou humanos utilizados com intencionalidade pedagógica, ou seja, com o objetivo de ensinar, educar, mobilizar, sensibilizar as professoras participantes da formação para o desenvolvimento de um trabalho voltado para a educação das relações étnico-raciais com no contexto escolar.

Além disso, percebeu-se no decorrer da pesquisa crescente participação de professores da Educação Infantil já detectada pela rede municipal em seminário interno

⁵ GERER é o setor da Secretaria Municipal de Educação que fomenta, orienta e apoia as ações dos Núcleos de Estudos das relações étnico Raciais da SMED/PBH

⁶ Verbete dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: estratégia. **3**. P. ext. Arte de aplicar meios disponíveis com vistas à consecução de objetivos específicos.
: Metodologia. **3**. Liter. Conjunto de técnicas e processos utilizados para ultrapassar a subjetividade do autor e atingir a obra literária. [Cf. epistemologia e teoria do conhecimento.]

de avaliação em 2018. Esse dado nos provoca a formular outras indagações: o que leva as professoras da Educação Infantil a participarem desses cursos formativos? Esse formato organizacional aponta para a utilização de estratégias metodológicas diferenciadas? Quais são as estratégias metodológica utilizadas nos encontros de formação de um Núcleo de Estudo da SMED/PBH?

Sob estas provocações o estudo apresenta como objetivo central analisar e compreender as estratégias metodológicas utilizadas no Núcleo de Estudo da Regional Leste e seu impacto na formação de professoras da Educação Infantil. Também intenta-se descrever o perfil das professoras da educação infantil que são frequentes nos encontros de formação; mapear as demandas que as professoras da Educação Infantil levam para os encontros; analisar como e se são consideradas as práticas das professoras da Educação Infantil participantes na formação; compreender os processos de participação das professoras da Educação Infantil e por fim entender como é realizada a gestão do Núcleo de Estudos.

2 O CAMPO DE ESTUDO

A prefeitura Municipal de Belo Horizonte em 21 de março de 1990, sancionou a LEI Orgânica do Município. Seu ART.158, parágrafo III, assegura que na oferta da educação pré-escolar o “pluralismo de ideias e de concepções filosóficas, políticas, estéticas, religiosas e pedagógicas, que conduza ao educando à formação de uma postura ética e social própria”. Nessa mesma linha de pensamento no Capítulo VI, § 2º estabelece que,

O Município protegerá as manifestações das culturas populares e dos grupos étnicos participantes do processo civilizatório nacional e promoverá, nas escolas municipais, a educação sobre a história local e a dos povos indígenas e de origem africana

Dessa forma, o Município de Belo Horizonte já se preocupava com a inserção da temática racial nos currículos escolares antes a promulgação das LEIS 10.639/03 e 11.645/08.

No que se refere a capacitação do professor a LEI Orgânica/90, aponta uma preocupação ao garantir em seu ART. 60, parágrafo I, o “[...] aperfeiçoamento do corpo docente e dos demais profissionais de Educação”.

Essa LEI apresenta um avanço no que tange a necessidade de renovação do conhecimento docente para desenvolver um trabalho de qualidade nas escolas. Ao pensar o que concerne um trabalho de qualidade em uma sociedade pluriétnica, entende-se a necessidade de ofertar uma formação para a diversidade racial, no sentido de capacitar o docente para um trabalho de educação das relações étnico-raciais e de respeito as multiculturas que estão presentes no ambiente escolar. Nesse sentido a Secretaria Municipal de em diálogo com lideranças negras, indígenas e outras frentes dos movimentos sociais, professores, gestores, especialistas e universidades ao longo dos anos tem se debruçando sobre a temática racial e fomentado ações para a efetivação de um trabalho pedagógico que tenha como política a erradicação de todas as formas de discriminação e preconceito, uma delas foi a criação dos Núcleos de Estudos das relações étnico raciais. No que toca a história dos Núcleos de Estudos das Relações étnico-raciais da SMED/PBH, campo de investigação dessa pesquisa, o artigo de Santos, Carvalho, Marra, Cunha e Reis, (2018, p.122) nos informa que em 2005, a SMED/BH⁷ fomentou um Seminário que deliberou a criação dos grupos de estudos regionalizados com a intenção de propiciar local específico para a formação continuada e em serviço para a educação das relações raciais dos profissionais de educação da Rede. A partir desse Seminário, nesse mesmo ano, o Núcleo de estudo junto com a GERED-B⁸, realizou uma discussão sobre os Kits de Literatura Afro-Brasileira e indígena⁹ que estavam sendo ofertados às escolas de Ensino fundamental desde 2002. Quanto as obras literárias a serem trabalhadas nas escolas, a LEI Orgânica do Município de Belo Horizonte adverte em seu Art. 163 § 4º que “É vedada a adoção de livro didático que dissemine qualquer forma de discriminação ou preconceito.”

Seguindo essa lógica, em 2002 coloca-se em prática a política dos Kits de literatura afro-brasileira e indígena no município de Belo Horizonte. As escolas de Educação Básica começaram a recebê-los, mas, somente a partir de 2012 as Instituições de Educação Infantil foram contempladas com a distribuição dos Kits de literatura.

Continuando a história dos Núcleos de Estudos, de acordo com dados coletados em 2005 foi criado o grupo de estudo das relações étnico-raciais na Regional Barreiro¹⁰ com o objetivo de oferecer formação continuada e em serviços com o trato racial aos

⁷ SMED – Secretaria Municipal de Belo Horizonte

⁸ Gerência Regional de Educação do Barreiro

⁹ Segundo Freitas (2014) Os Kits são compostos por livros teóricos, paradidáticos e DVDs para subsidiar o trabalho docente e livros literários infantis e juvenis endereçados aos estudantes abordando a temática étnico-racial.

¹⁰ Esse grupo de estudos foi criado a partir de uma reunião coordenada pela Gerência de Educação do Barreiro, Núcleo de Relações étnico-raciais e Núcleo de Biblioteca da SMED.

profissionais da RME/BH. Os encontros formativos ocorriam mensalmente e sua estrutura organizacional contava com momentos de fruição, rodas de conversas, palestras de formação realizada por convidados ou participantes do curso, e formação itinerante que era ações nas escolas dessa região, com a intenção de sensibilizar as professoras para o desenvolvimento de práticas antirracista com os alunos.

Quanto ao público alvo que o Grupo de Estudos da Regional Barreiro, pretendia alcançar, os dados encontrados indicam que os bibliotecários das escolas, gestores, professoras e acompanhantes pedagógicos da RME/BH foram convidados a participarem dos encontros mensais na Regional Barreiro. Contudo, a priori, os bibliotecários foram o foco das formações no sentido de prepará-los para desenvolver um trabalho de divulgação dos Kits de literatura nas escolas, além de mobilizar as professoras a utilizarem os livros de literatura afro-brasileira e indígena em seu cotidiano em sala de aula.

Em 2007 por questões administrativas as ações do Grupo da Regional Barreiro foram interrompidas e que somente a partir de 2012 ele se reestruturou e retomou as formações.

Segundo a história, Oliveira (2016) relata que foram criados os grupos de estudos ainda não institucionalizados nas regionais: Leste, Venda Nova, Centro Sul, conduzindo a partir do modelo organizacional da regional Barreiro. Já a regional Pampulha encontrava-se em processo de estruturação e a Regional Oeste estava abraçando a proposta de direitos humanos. Em agosto de 2017, os grupos de estudos foram institucionalizados, passaram a ser denominados Núcleos de estudos das Relações Étnico-Raciais. Fortaleceram-se e se estruturaram nas outras regionais (Centro Sul, Norte, Noroeste, Nordeste, Oeste, Leste, Pampulha e Venda Nova) totalizando nove Núcleos de estudos no município de Belo Horizonte no formato atual.

Mesmo com todos os esforços dos Núcleos de estudos¹¹ em divulgar seu trabalho por meio de ações nos diferentes espaços da cidade, inclusive a escola, (FEITAL, 2016; OLIVEIRA, 2016), apontam em seus estudos que algumas professoras desconhecem o curso formativo e outras indicam não reconhecer tais ações enquanto espaço de formação docente, indicando a necessidade de propalar os trabalhos que são realizados nesses espaços formativos.

¹¹ Vale aqui destacar que em 2016, ano do término do estudo da FEITAL e OLIVEIRA, havia outra configuração na estrutura organizacional da Secretaria Municipal de Educação. O setor da SMED denominado por (FEITAL, 2016; OLIVEIRA, 2016) como Núcleo de Relações Étnico Racial, a partir de 2017 passou a ser intitulado como Gerência das Relações Étnico-Racial (GERER). Ainda é importante destacar aqui que os Grupos de Estudos das Relações Étnico-Raciais regionalizados foram expandindo para toda a cidade somente em 2017, ano em que passou a ser denominado Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais Foco de estudo da pesquisa em questão. Hoje a GERER é o setor responsável em oferecer subsídios para o funcionamento e manutenção das ações dos Núcleos de estudos das relações étnico-raciais das nove regionais.

Desenhando uma linha do percurso dos Núcleos de estudos a partir da sua institucionalização em 2017, foi perceptível, a partir da inventariação das listas de presença do ano de 2019 um aumento substancial da participação das professoras da Educação Infantil. Para além, percebe-se que os Núcleos de Estudos vêm se fortalecendo aos longos desses anos, promovendo encontros, ora mensais nas regionais, ora o que são denominados pelos coordenadores como encontros inter-regionais. Esses encontros inter-regionais contam com a presença e colaboração das coordenadoras e professoras participantes das nove regionais, onde há partilha de saberes por meio, de momentos de fruição artísticas envolvendo a temática racial, relatos de experiências das professoras que trabalham a temática em sala de aula, exposição de materiais utilizados pelas professoras nas escolas para o trabalho voltado para a relações étnico-raciais e, ou palestras ministradas por convidados ou pela equipe dos Núcleos incluindo a GERER..

Em 2020 os Núcleos de estudos iniciaram suas atividades somente em agosto devido as recomendações da OMS por causa da crise sanitária advinda da pandemia. A partir de um mapeamento realizado tendo como instrumento de análise as listas de frequência dos encontros de formação, a Regional Leste foi Núcleo de Estudos selecionado para o desenvolvimento com mais profundidade desta investigação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é de natureza qualitativa por compreendê-la da mesma forma que Flick (2009, p.16) como “um conjunto de práticas interpretativas e materiais que torna o mundo visível”, oferecendo possibilidades para o desenvolvimento de um trabalho com pessoas e suas subjetividades. O estudo compreenderá em três etapas, a saber: A primeira, já realizada de cunho exploratório, o objetivo dessa fase foi selecionar entre os Núcleos da nove regionais, o que apresentou maior participação de professoras da Educação Infantil ao longo de 2019 a partir da aferição de frequência de listas de presença para realização do estudo com mais profundidade, a segunda trata-se de imersão da pesquisadora em campo de acordo com a Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho de ética e pesquisa (CEP), e a última etapa será a produção do portfólio como recurso educativo, exigência do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, contendo os resultados da investigação. A coleta de dados inclui aplicação de questionário afim de conhecer o perfil das professoras da Educação Infantil, análise documental e grupo focal que contará com um roteiro gerador de um debate. O grupo focal será realizado no local de formação, com 6 amostragens. A seleção das participantes

será voluntária e terá como critérios: Frequência e participação das professoras da Educação Infantil nos encontros formativos e prática com a temática racial com crianças pequenas. O propósito desses momentos é o de compreender quais são as ações mobilizadoras durante os eventos e como as narrativas, experiências e demandas dos professores (as) são consideradas e utilizadas nesse processo formativo. Além de verificar as documentações legais que norteiam a estrutura e as ações dos organizadores que constituem o processo de formação dos docentes.

Quanto aos instrumentos de pesquisa, os dados serão registrados por meio de diário de bordo, gravações de vídeos e áudios como formas de qualificação das etapas, formando assim um conjunto de dados confiáveis a serem organizados, contrastados e analisados. Essa combinação de metodologias é denominada de triangulação. A triangulação favorece a veracidade dos dados coletados, pois entendemos como Flick (2009, p. 32) que “torna-se ainda mais produtiva se diversas abordagens teóricas forem utilizadas, ou ao menos consideradas, para a combinação de métodos.

4 OS PRIMEIROS LEVANTAMENTOS E ANÁLISE DE DADOS DA FASE EXPLORATÓRIA

A categoria frequência foi utilizada como primeira opção para identificar e selecionar o campo de estudo. A Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte possui nove regionais e, dentre esse conjunto, buscou-se localizar a regional que registrou maior frequência de professoras de Educação Infantil em encontros presenciais de formação docente. Para a escolha do Núcleo de Estudos solicitou-se a GERER¹² o acesso as listas de presença dos encontros de formação realizados mensalmente nas nove regionais no período de 2017 a 2019. Neste procedimento deparou-se com um novo cenário social, a crise sanitária devido a pandemia proveniente da Covid-19. Foi assim que optamos por usar os canais digitais para comunicação¹³. e envio das listas de presença dos encontros formativos que foram realizados nos anos de 2017, 2018 e 2019, das nove regionais. No processo de catalogação desses documentos, deparou-se com dificuldades como localizar as listas de presença dos anos de 2017 e 2018 que pudesse fornecer dados para uma análise substancial. Como apontado por Goldenberg (2004), o campo tem suas imprevisibilidades que alteram o modo da realização da pesquisa, por isso, optou-se por trabalhar com os

12A Gerência das Relações Étnico-Raciais (GERER) é responsável pelo gerenciamento dos Núcleos de estudos das Relações Raciais da SMED/PBH, por isso cabe ao setor a organização e arquivamento das listas de presença dos encontros que são realizados nas nove regionais.

13 WhatsApp, e-mail, encontros virtuais usando o sistema eletrônico google meet (sugerida pela SMED/PBH).

dados do ano de 2019. Frente ao desafio de realizar um levantamento de dados com paridade, decidiu-se selecionar para análise os meses que tornavam possível localizar tais informações nas listas de presença das nove regionais no ano de 2019. Constatou-se que as listas de presença dos meses de março a outubro de 2019 possibilitariam o levantamento de 7 encontros realizados em todas as regionais de forma a garantir uma análise de dados com paridade e confiável. Trabalhou-se com as listas de presença dos encontros realizados nos meses de março, abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro de 2019 das regionais, Barreiro, Centro Sul, Leste, Noroeste, Norte, Oeste, Nordeste, Pampulha e Venda Nova, já a Regional Nordeste apresentou uma diferença, não foi realizado encontro em setembro, mas, houve um encontro em julho, com o propósito de garantir a igualdade de 7 encontros, foi considerado esse mês.

Quanto ao levantamento de dados, o primeiro movimento foi o de localização e organização das listas de presença por regional e mês/2019, feito isso, o outro, foi o de identificar os estabelecimentos de ensino¹⁴ representados pelas professoras da Educação Infantil em cada regional.

É importante destacar que dado ao cenário epidêmico não será possível nesse momento identificar as professoras de Educação Infantil lotadas nas EMEF'S¹⁵, por isso, elencamos as instituições de Educação Infantil para estudo neste primeiro momento¹⁶. Trabalhamos com as listas de presença dos encontros realizados nos meses de março, abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro de 2019 das regionais, Barreiro, Centro Sul, Leste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova, já a Regional Nordeste apresentou uma diferença, não foi realizado encontro em setembro, mas, houve um encontro em julho, com o propósito de garantir a igualdade de 7 encontros, consideramos esse mês.

O estudo apontou quantitativamente as presenças nos Núcleos, a saber: Barreiro 101 em EMEI'S e 44 em creches conveniadas/parceiras, totalizando 145 presenças, Centro Sul 64 em EMEI'S e 44 em Creches, somando 108 presenças, Leste 61 em EMEI'S e 102 em Creches, total 163 presenças, Nordeste 128 em EMEI'S e 16 em Creches totalizando 144 presenças, Noroeste 74 em EMEI'S e 58 em Creches, total 132

¹⁴ Escola Municipal de Educação Infantil-EMEI, creches conveniadas/parceiras e Escola Municipal de Ensino Fundamental - EMEF

¹⁵As escolas do ensino Fundamental poderão ofertar atendimento às turmas da Educação Infantil de acordo com a Portaria SMED N°289/2016, Art. 2° E Art.8° §3°

¹⁶ Informamos que o levantamento nas Escolas de Ensino Fundamental será realizado na segunda fase da pesquisa no Núcleo selecionado para realização para o estudo.

presenças, Norte 83 em EMEI'S e 22 em Creches somando 105 presenças, Oeste 84 em EMEI'S e 33 em Creches, calculando 117 presenças, Pampulha 67 em EMEI'S e 22 em Creches computando 89 presenças e por fim Venda Nova 125 presenças em EMEI'S e 24 em Creches totalizando 149 presenças em 2019.

O quadro abaixo detalha o levantamento de presenças das professoras das Instituições de Educação Infantil participantes do Núcleos de Estudos das nove regionais dos meses considerados para uma análise de dados com paridade do ano de 2020. Além disso, o quadro apresenta a soma dos meses computados, sendo possível visualizar o total de presença contabilizadas no ano de 2019 de cada regional.

Quadro 1- quantificação das presenças das Instituições de Educação Infantil por Regional/mês2019

Registro de presença dos Núcleos de Estudo/SMED por regional/mês no ano de 2019																	
Regional	março		Abril		maio		junho		julho		Agosto		setembro		Outubro		Total Ed. Inf.
	Emei	Creche	Emei	Creche	Emei	Creche	Emei	Creche	Emei	Creche	Emei	Creche	Emei	Creche	Emei	Creche	
Barreiro	24	8	10	5	14	3	15	5	0	0	8	6	16	9	14	8	145
Centro Sul	12	3	11	8	9	4	7	3	0	0	13	11	5	7	7	8	108
Leste	8	25	10	7	11	9	6	11	0	0	10	11	7	20	9	19	163
Nordeste	11	0	18	0	21	2	19	1	16	4	22	5	0	0	21	4	144
Noroeste	14	12	10	6	13	14	10	9	0	0	10	6	9	7	8	4	132
Norte	11	2	17	3	14	6	14	2	0	0	11	3	9	2	7	4	105
Oeste	10	4	13	4	12	6	14	5	0	0	11	4	16	3	8	7	117
Pampulha	11	6	9	1	12	4	12	6	0	0	9	1	5	1	9	3	89
Venda Nova	14	0	22	4	22	3	18	1	0	0	14	12	21	2	14	2	149

Para uma melhor visualização da apuração das frequências das professoras da Educação Infantil em 7 encontros de 2019, organizou-se um bloco com o montante de cada Regional com a finalidade de identificar numa perspectiva quantitativa qual registrou maior número de frequência deste público. A regional Barreiro alcançou 145 participações, aproximando da Nordeste com 144 e de Venda Nova com 149, já a Centro Sul com 108 frequências se avizinhou da Norte com 105, enquanto a Oeste com 117 ficou perto da Noroeste com 132 participações, a Pampulha registrou o menor número 89, e a Leste 163 o maior número de frequência computado em 7 encontros realizados no ano de 2019.

A partir do levantamento e análise dos dados guiados pelo eixo frequência constatamos que o Núcleo de Estudos da Regional Leste com 163 frequências registrou

o maior número de participação das professoras da Educação Infantil nos encontros no ano de 2019, sendo selecionado para dar continuidade ao estudo. Avançaremos para a próxima fase da pesquisa que se trata de imersão da pesquisadora em campo.

5 CONSIDERAÇÕES INDICATIVAS

À luz da discussão teórica compreende-se a relevância de se discutir a temática formação de professores no intercruzamento de categorias como infância e raça para ampliação do debate e reflexão da importância da implementação da lei 10.639/03 nas Instituições de Educação Infantil. A partir dos primeiros levantamentos de dados, os Núcleos de Estudos das Relações étnico Raciais SMED/PBH aponta para uma estrutura organizacional singular, por isso as suas estratégias metodológicas merecem ser melhor investigadas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZE Diana, RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Pro-Posições. Campinas, v.20, n.3 (60, p. 179-197, set. /dez. 2009.

ABRAMOWICZ, Anete; Nilma Lino GOMES (org.). Educação e raça: perspectiva políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.- (coleção cultura negra e identidades;18

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes *In*: Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais/ Maria Aparecida Bento, organizadora. São Paulo: Centro de estudos das relações de trabalho e desigualdade – CEERT, 2011.

ALMEIDA, Ana Nunes. Para Uma Sociologia da Infância Jogos de olhares, pistas para a investigação. Ed. Imprensa de Ciências Sociais, junho 2009.

AURÉLIO, Ferreira Holanda de, J.E.M.M. Editores: Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, 2º ed. Impressão revista e aumentada, 24º Nova fronteira S.A., 1986

CAVALLEIRO, E. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CORSARO, William A. Sociologia da infância. Trad. Lia Gabriele R. Reis. Rev. Maria Letícia B. P. Nascimento. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FAZZI, Rita de Cássia. O drama de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte, 2º ed. Autêntica, 2012

FEITAL, Lisa Minelli: A Promoção da Igualdade Racial e a Política de Formação dos Professores da Educação Infantil em Belo Horizonte. Instituição de Ensino: Mestrado Profissional e Docência da Faculdade de Educação UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: Faculdade de Educação. 2016.

FLICK, Uwe. Qualidade na Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Daniela Amaral Silva. Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira da Prefeitura de Belo Horizonte (MG): um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais?' 17/01/2014 281 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte. Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Educação

GOLDENBERG, M. A Arte de Pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8 eds. Rio de janeiro: Record 2004. PP. 13-16.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In: BRASIL. Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 – 62*

_____. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. *In: Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais/organizado por Nilma Lino Gomes, 1. Ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autentica, 2010, P. 97-110.*

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. O Desafio da diversidade *In: Experiências étnico-culturais para a formação de professores organizado por Nilma Lino Gomes e Petronilha Gonçalves e Siva – 3. Ed. 1. Reimp. 1. Ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autentica, 2015, p, 11- 24.*

KRAMER, Sônia: autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças: Caderno de Pesquisa. n.116, p.41-59, julho/2002.

LIMA, Maria Batista: Identidade Étnico/Racial no Brasil: Uma Reflexão Teórico Metodológica. Revista Fórum identidade, Ano 2, Volume 3 – p.33-46 – jan-jun de 2008.

MACHADO, Adilbênia Freire: Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: Revista Páginas de filosofia, v. 6, n. 2, P.51-64, Jul./dez. 2014

_____: Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais: Tear revista de educação ciência e tecnologia, Canos, v.3, n.1, p. 1-20 2014

_____: Filosofia africana: Ética de cuidado e de pertencimento ou uma poética de encantamento: Problemata: R. Intern. Fil. V. 10. N.2, 2019, p. 56-75.
<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v11012.49118>

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte. Autêntica, 2004.

_____. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? Revista do Instituto de estudos brasileiros, Brasil, n 62, p. 20-31, dez.2015

OLIVEIRA, Eduardo David: Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira africana: Revista sul-americana de filosofia e educação, n. 18, maio/outubro/2012, p. 28-47.

OLIVEIRA, Regina Marcia Pereira de. A educação das relações raciais nas práticas pedagógicas da educação infantil: Um estudo de caso da UMEI Grajaú. 24/06/2016 233 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca Raymundo Nonato Fernandes. Disponível em https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4925267 . acesso em 20/10/2020

QUIJANO, Anibal: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências: bibliotecas virtuales de CLACSO, 2005, p. 117-142

http://biblioteca_virtual.clasco/sur-sur/20100624103322/12_quijano.pdf

RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012.
<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

SANTOS, Claudia Elizabete dos; CARVALHO, Fernanda Almeida de; MARRA, Lauren Cristiane Torres e; REIS, Valdete dos: A experiência dos núcleos de estudos das relações étnico-raciais como estratégia de formação dos profissionais da educação na rede municipal de Belo Horizonte *In: Africanidades e Brasilidades no currículo da educação básica: compartilhando reflexões, vivências, experiências e práticas/ Patrícia de Souza Santana; Rosa Margarida de Carvalho Rocha, ORGs: ribeirão Gráfica e editora, 2018, p. 121-133*

SARMENTO, Manuel, GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.): Profissionais da Educação Infantil: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ, Vozes, 2008.

SODRÉ, Jaime: EXU- A forma e a função: Revista Vera Cidade, Ano VI - n.5, p.1-11, outubro/2009.

WOORWARD, Kthryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual *In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.)*. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.